

Empresas planejam captar no longo prazo

Risco da valorização do real não inibe as companhias que precisam de crédito

SANDRA GOMIDE

O cenário de captação de recursos, tanto no mercado interno quanto no externo, está mudando rapidamente e nem mesmo os especialistas sabem ao certo qual será a tendência das empresas e dos bancos para conseguir dinheiro novo neste ano.

A queda de 0,5 ponto percentual na taxa básica de juros no Brasil (Selic), de 19% para 18,5% ao ano, tornou o custo do dinheiro no mercado interno mais baixo. Mas essa boa notícia para a economia brasileira também tem efeito semelhante no mercado externo.

Quanto mais os juros caem como demonstração de sinais positivos da economia, mais o Brasil melhora sua imagem junto aos investidores estrangeiros. Com isso, diminui também o custo das captações em moeda estrangeira.

A percepção do risco Brasil pelas agências de rating, que concedem notas aos países de acordo com sua situação econômica e financeira, está bem melhor, mas ainda está longe da obtida por México e Argentina. Na prática, isso significa que quando vão captar recursos no mercado internacional, esses países encontram mais investidores interessados em seus papéis e conseguem dinheiro mais barato que o Brasil.

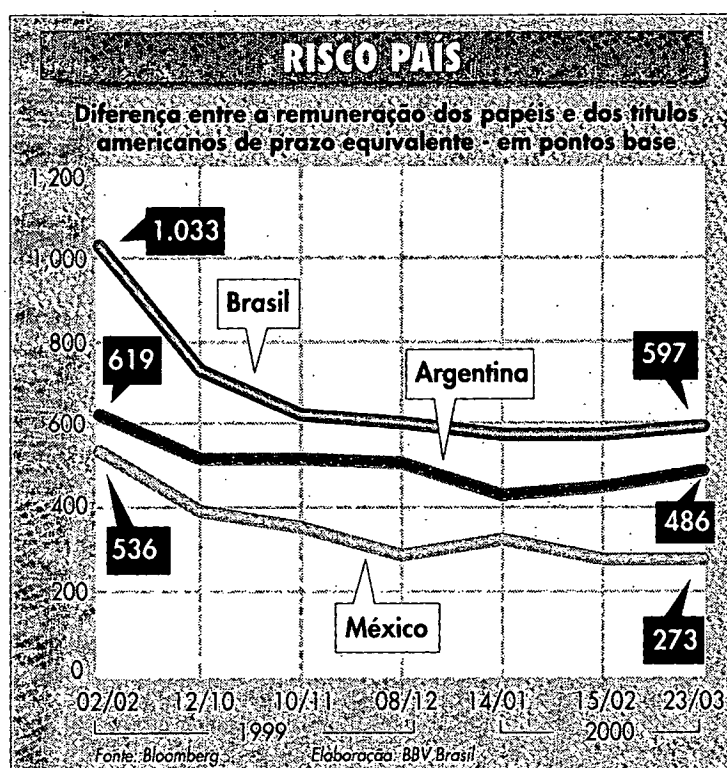
A agência Standard & Poor's classifica o Brasil como B+. A Moody's o mantém no nível B2. A Fitch IBCA avalia como B+. Essas letras e sinais significam que o País é considerado como de investimento especulativo, com mínima capacidade de pagamento e sujeito a oscilações financeiras. "As reformas feitas na Argentina foram mais profundas do que as do Brasil", diz Rafael Guedes, diretor executivo da Fitch IBCA.

O resultado da comparação entre as condições de empréstimos dos mercados interno e externo, porém, ainda depende da decisão de cada empresa, se opta por captar recursos no mercado interno, no qual as taxas ainda são altas, ou se parte para opções de captação externa, na qual haverá sempre o risco da flutuação cambial.

"Estamos passando por um momento repleto de boas notícias e isso certamente beneficia a oferta de dinheiro para as empresas e bancos nacionais", diz Octávio de Barros, economista-chefe do Banco Bilbao Viscaya Brasil (BBV).

Embora as previsões de alguns bancos sejam as de captar recursos externos de forma moderada, uma vez que deixam de ganhar dinheiro com as operações de arbitragem (na qual o banco ganha com a diferença

**ARGENTINA
E MÉXICO
OBTÊM
DINHEIRO
MAIS
BARATO NO
EXTERIOR**



entre os juros externos e internos), há empresas que preferem correr o risco da desvalorização do real nos próximos meses e captar no mercado externo.

A Bombril, por exemplo, fez duas operações de emissões de títulos, no ano passado, no valor total de 100 milhões de euros, e considera a possibilidade de uma nova operação neste ano. "Mesmo com a queda dos juros no Brasil, ainda compensa pegar dinheiro no mercado externo, porque os prazos são maiores", diz Edoardo Battista, diretor Financeiro e de Relações com os Investidores da Bombril.

Para alguns economistas, as empresas que captarem recursos de longo prazo não deverão sofrer tanto com a variação cambial. Esse é um fenômeno que ocorre com mais frequência com as operações de curto prazo, pois estão sujeitas às flutuações do período. "Quando precisam de dinheiro por 5 ou 6 anos, as empresas acabam sendo menos influenciadas pela possibilidade da variação da taxa de câmbio", diz Edson Barbosa de Souza, diretor de Câmbio do Lloyds.

O número de pedidos de financiamento no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) confirma a tendência do movimento das empresas para esse ano. No acumulado de janeiro e fevereiro, o banco considerou como passíveis de financiamento projetos no valor de R\$ 6,9 bilhões, 52% acima do mesmo período do ano passado.

Esses números mostram que as companhias estão planejando investir mais na produção nesse ano e, para fazê-lo, vão precisar de dinheiro de longo prazo. Os indicadores de atividade econômica mostram que alguns setores trabalham com plena capacidade de produção e, certamente, serão os primeiros a necessitar de dinheiro para investir.

O próprio BNDES será um

dos maiores tomadores de empréstimos no exterior. A previsão é de emitir US\$ 1,4 bilhão em títulos, quantia muito superior aos US\$ 210 milhões emitidos em eurobônus 1999, o pior ano de captação para o banco. "A estratégia no ano passado foi a de concentrar-se nos créditos dos organismos internacionais porque as taxas do merca-

do não estavam muito boas", afirma Isabel Aboim, chefe do Departamento de Renda Fixa do BNDES.

Na última quinta-feira, a República do Brasil emitiu o equivalente a US\$ 570 milhões em bônus samurai de três anos, com spread (diferença) de 359 pontos básicos sobre a taxa libor do iene japonês, refletindo

um juro nominal de 4,5% ao ano.

Essa operação, que atraiu principalmente pequenos investidores, marcou a volta do Brasil ao mercado japonês. "Há um ano, essa operação seria absolutamente impossível", diz Eduardo Tieppo, diretor da Associação Nacional de Bancos de Investimento (Anbid).

Segundo a associação, foram efetuadas em fevereiro operações de emissão de papéis no valor de US\$ 1,89 bilhão, acumulando total de US\$ 4,33 bilhões nos dois meses do ano.

O mercado internacional será ainda uma forte (senão única) opção para as empresas de grande porte que precisam de recursos de longo prazo para financiar investimentos. A Petrobras prepara o lançamento de US\$ 1,8 bilhão em bônus de longo prazo nos próximos 18 meses. É uma estratégia da empresa de alongar o prazo de parte de sua dívida que vence em setembro. A última emissão de bônus da empresa foi realizada em 1997.

"Em geral, as empresas acabam fazendo um mix de operações internas e externas para diminuir o risco", afirma Luis Fernando Lopes, economista-chefe do Chase. Segundo dados da Anbid, a Cesp fez emissões de títulos no valor total de US\$ 147 milhões nos últimos 12 meses. O mercado espera um novo lançamento para financiar obras de infra-estrutura ainda neste ano. A Telesp Celular realizou uma operação de empréstimo no valor de US\$ 140 milhões em agosto, com garantia da Motorola dos Estados Unidos para cobertura do risco Brasil.

